

1

Introdução

O problema do Título:

Como assinala Derrida, as questões de título, de maiúsculas e de temas capitais são sempre questões de autoridade, de reserva e de direiro, de hierarquia e de hegemonia. Sobretudo, como a questão da língua é anterior a qualquer outra, um título nos envia a questões de linguagem, de idioma, de léxico e de gramática¹. Neste caso, *desconstrução linguagem política*, um título sem vírgula, sem ‘e’ nem ‘de’, enfim, sem pontuação, pretende marcar exatamente a dificuldade de intitular uma pesquisa sobre a desconstrução que se pretende (e precisa ser) uma ‘tese de doutorado’.

A ausência das proposições quer deixar, portanto, em aberto, até que ponto esta escritura pretende falar sobre ‘a desconstrução da linguagem como política’ ou sobre ‘a linguagem política da desconstrução’, ou ainda, ‘a política na linguagem da desconstrução’. A possibilidade de substituir os nomes por advérbios e vice-versa, quer apontar exatamente para o jogo da linguagem e deixar em aberto todas as alternativas possíveis, visto que são todas alternativas interessantes. Deixo, portanto, ao leitor, a escolha que melhor lhe convier (e não é isso sempre o que se passa numa leitura?)

Indo direto ao assunto:

Desconstrução Linguagem Política promete investigar a noção de linguagem no pensamento desconstrutor e a questão política que ela evoca. Em termos mais precisos, *Desconstrução Linguagem Política* pretende investigar até que ponto a desconstrução pode ser considerada uma filosofia pragmática da linguagem e qual a sua relação com a esfera política. Em outras palavras, será que Derrida realiza a ‘virada lingüística-pragmática’ que marca a filosofia contemporânea?

¹ Derrida, Prefácio à *Du droit à la philosophie*, Galilée, 1990.

Na tentativa de responder a tal questionamento, uma pré-questão se coloca: qual o método desta pesquisa?

1.1

Primeira Aporia

A desconstrução não é um método, Derrida não se cansa de repetir. Não há nenhum caminho a seguir, nenhum *telos* a alcançar, no máximo alguns rastros, talvez uma trilha sinuosa assombrada por espectros e com destinação imprecisa. Mas, como cumprir as exigências de uma tese de doutorado sem metodologia? Como dar conta da contribuição original que Derrida oferece para o pensamento filosófico em geral, e para o pensamento político, em particular, ou seja, como colocar-me “diante da lei” de seu pensamento, de sua obra e, simultaneamente, responder à mesma sem um prévio questionamento teórico, sem um procedimento metodológico devidamente pré-estabelecido? Neste segundo caso, como colocar-me “diante da lei” das exigências e procedimentos acadêmicos com intuito de apresentar e responder por um pensamento que resiste e ultrapassa as fronteiras acadêmicas e que questiona a *lei* que rege a própria Filosofia, disciplina esta no interior da qual, afinal, eu mesma me encontro? ².

A desconstrução resta indefinível e não redutível às regras de um determinado domínio de estudo. Ela não pode ser reduzida a uma técnica de leitura de textos, nem um método de pesquisa filosófica ou de crítica literária com regras pré-estabelecidas e objetivos determinados de antemão. Mas ela também não é um *vale-tudo* ou uma destruição niilista da metafísica. Se exige-se uma definição, arriscamos dizer que a desconstrução é simplesmente uma postura diante da leitura de textos. Uma visada que contenta-se em permanecer dentro da

² É nesse sentido que, seguindo a leitura de Fernanda Bernardo, reservarei o termo “pensamento” para o “estilo” de fazer filosofia da desconstrução, um estilo que não pode ser reduzido a uma técnica, método, nem mesmo a uma “filosofia” em sentido estrito, visto que a desconstrução questiona os pressupostos daquilo que se convencionou chamar de Filosofia (uma disciplina com fronteiras bem delimitadas, objeto determinado e herdeira de uma longa tradição que remonta a Sócrates). Entretanto, apesar da desconstrução colocar em questão a metafísica, isto é, a tradição filosófica como um todo, é por amor e respeito a essa mesma tradição que assim o faz. Longe de uma destruição da metafísica, a desconstrução exige uma leitura vigilante e cuidadosa de seus textos, uma leitura feita a partir de uma nova forma de pensar, de um novo registro que Derrida aceitou chamar de desconstrução. Fernanda Bernardo já traduziu diversos livros de Derrida para o português, entre eles *Force de Loi* e *O monolingüismo do outro*, além de ser uma interlocutora que muito enriquece as discussões do Need (Núcleo de pesquisas em ética e desconstrução).

linguagem para detectar as regras que comandam o seu jogo, para tentar revelar a lei que comanda aquele texto particular, para apontar aquilo que não está “literalmente” escrito e que não pertence necessariamente a ordem do querer-dizer do autor.

Derrida reconhece que é impossível reconstituir “fielmente” a cadeia de significados que inspiraram o dizer de cada autor, mas a desconstrução se contenta em, ao iluminar a lei que comanda o texto, ao chamar a atenção para o sistema textual e sua lógica de oposições, mostrar, no percurso, certos efeitos que eles produziram e, com isso, estimular deslocamentos de barreiras e novos caminhos de pensamento.

No intuito de guardar a diferença da desconstrução, Derrida multiplica as suas definições. Em *Limited Inc*, por exemplo, respondendo à acusação de que a desconstrução seria politicamente conservadora, encontramos a seguinte explicação que enxerto a seguir:

“não existe A ou uma só Desconstrução. Se só houvesse uma, e homogênea, ela não seria “intrinsecamente” nem conservadora, nem revolucionária, nem determinável segundo o código dessas oposições. É bem isso que enerva todo mundo (...) A desconstrução, no singular, não é “intrinsecamente” nada, nada que seja determinável a partir desse código e desses critérios (...) a avaliação política de cada um dos gestos ditos desconstrutores dependerá de análises muito difíceis, muito minuciosas, muito livres quanto aos estereótipos do discurso político-institucional. A desconstrução não existe em algum lugar, pura, própria, idêntica a si mesma, fora de suas inscrições em contextos conflituais e diferenciados, ela só é o que ela faz e o que se faz dela, onde tem lugar”³.

Já em “Autrui est secret parce qu’il est autre” , escreve Derrida : “a desconstrução não é nem uma filosofia, nem uma ciência, nem um método, nem uma doutrina, mas (...) o impossível e o impossível como aquele que chega”⁴.

A razão dessa aporia reside na impossibilidade de se prevenir à desconstrução, de a ver chegar e operar, de estar preparado para ela. Com efeito, os textos derridianos denunciam a contaminação constitutiva entre forma e conteúdo e, portanto, não podem ser encaixados num “método desconstrucionista” que seria idêntico em todos os textos. Cada contexto, cada conteúdo, transforma a “forma” desconstrutora. Escreve Derrida:

³ Derrida, *Limited Inc*, pág. 193 – 194.

⁴ “n’est ni une philosophie, ni une science, ni une méthode, ni une doctrine, mais, (...) l’impossible et l’impossible comme ce qui arrive ». In “Autrui est secret parce qu’il est autre” in *Marges linguistiques*, n. 9 mai 2005 M.L.M.S. éditeur

“J’ai essayé de montrer les chemins par lesquels, par exemple, les questions déconstructives ne peuvent pas, c’est ainsi, originer de méthodes pour des procédés techniques qui puissent être répétés d’un contexte à un autre. Dans ce que j’écris, je crois qu’il y a aussi quelques règles générales, quelques procédés qui puissent être transposés par analogie – cela est ce qu’on appelle un enseignement, une connaissance, des applications – mais ces règles sont recueillies dans un texte qui est, à chaque fois, un élément unique et que ne se laisse pas transformer complètement en une méthode »⁵.

Seguindo a trilha da desconstrução encontramos, portanto, uma aporia logo de saída. Por onde começar, qual o ponto de partida desta pesquisa? Como seguir um caminho (mesmo uma trilha sinuosa) sem princípio? Como trabalhar com um pensamento que coloca em questão o valor de *arkhê*? Que não tem postulados, axiomas ou definições? Ou que, como diz Derrida:

“Tudo no traçado da *différance* é estratégico e aventureiro (...) poderíamos chamá-la tática cega, errância empírica, se o valor do empirismo não recebesse ele próprio todo o seu sentido da oposição à responsabilidade filosófica. Se há uma certa errância no traçado da *différance*, ela não segue mais a linha do discurso filosófico-lógico do que a do seu reverso simétrico e solidário, o discurso empírico-lógico. O conceito de jogo mantém-se para além dessa oposição, anuncia, às portas da filosofia e para além dela, a unidade do acaso e da necessidade num cálculo sem fim”⁶.

Na tentativa de iluminar um pouco este caminho sinuoso, solicito a ajuda de dois espectros, dois filósofos que marcam a obra derridiana de ponta a ponta: Husserl e Heidegger. Além deles, buscarei trabalhar outros autores que, embora não influenciem diretamente a obra derridiana, são cruciais para uma melhor compreensão do movimento de virada rumo à linguagem que estou chamando aqui de ‘virada lingüística-pragmática’. Ao assinalar a amplitude de tal movimento, que vai da fenomenologia husserliana ao expressivismo alemão de Humboldt e Herder, acredito que a singularidade da desconstrução aparece de modo ainda mais potente. Assim, através das questões por eles levantadas, através de seus rastros, segue a desconstrução. E esta tese tentará acompanhar este percurso. Este é o desafio que me coloco a seguir.

Aporia em suspensão ou

⁵ *In Marges linguistiques*, n. 9 mai 2005 M.L.M.S. éditeur

⁶ Derrida, “A diferença” *in Margens da Filosofia*, pág. 37 – 38.

Introdução:

Em sentido rigoroso, Derrida não pode ser classificado como um filósofo pragmático da linguagem. No entanto, pode-se afirmar que a desconstrução é tributária de uma certa filosofia da linguagem que hoje chamamos de pragmática e da dimensão performativa por ela posta em evidência. É nesse sentido que parece-me perfeitamente legítimo associar o pensamento de Derrida com os filósofos “da linguagem”, sejam eles classificados como analíticos ou continentais, lingüistas ou semiólogos, pragmáticos ou estruturalistas⁷.

Entretanto, apesar da palavra ‘linguagem’ aparecer frequentemente neste trabalho e, inclusive, fazer parte do título, é por conveniência e necessidade que assim o faço, visto que, como assinala Derrida, não há como escapar aos conceitos e noções herdados da metafísica, mesmo quando estamos tentando com ela romper. Tudo que podemos tentar fazer é desenhar os limites de tais conceitos e reinscrevê-los em outros contextos. Nesse sentido, após atravessar o pensamento do rastro, tal como proposto por Derrida, veremos que a *écriture* derridiana dissolve o conceito de linguagem e que, após considerar a lei da indecidibilidade inscrita na *différance*, não podemos mais falar simples e impunemente em ‘linguagem’ como *algo* que resta a ser pensado, seja como objeto ou como conceito filosófico.

Desse modo, a linguagem, isso que não existe ‘enquanto tal’, que nunca será ‘próprio’ ou ‘apropriável’, atravessa esta tese como um espectro, como aquilo que não se deixa apreender ou dominar, mas que, contudo, deixa seu rastro por onde quer que passe.

Para Derrida, “o problema da linguagem nunca foi apenas um problema entre outros”⁸ e, para tentar dar conta de tal fenômeno ultra complexo, lança mão

⁷ No texto “Mes chances: au rendez-vous de quelques stéréophonies épicuriennes” in *Psyché*, Nouvelle édition, 1987-1998, Galilée, Derrida propõe chamar de “pragmatológico” o espaço de uma análise indispensável “à união de uma pragmática e uma gramatologia” (pág. 41). Para ele, “a gramatologia sempre foi uma espécie de pragmática, mas a disciplina que hoje porta esse nome comporta muitos pressupostos por desconstruir, assim como a teoria dos *speech acts*. Uma pragmatologia (por vir) articularia de modo mais fecundo e mais rigoroso os dois discursos”. Derrida, *Limited Inc.* Papirus, Campinas, 1991, pág. 203.

⁸ Derrida, “O Fim do Livro e o Começo da Escritura” in *Gramatologia*, op. cit. pág. 7.

do “quase-conceito” de *écriture*⁹, noção que pretende ir além do pensamento tradicional sobre a linguagem. Segundo Derrida, a escritura é o movimento da *différance*¹⁰, um jogo sem fim de remetimentos de significantes, um jogo animado pela diferencialidade estrutural da linguagem. Como pretendo argumentar neste trabalho, com estes “quase-conceitos”, também chamados de indecidíveis – não apenas *écriture*, *différance*, mas também outros como rastro, hospitalidade, perdão – Derrida rompe, de forma radical, com a visão metafísica da significação e, conseqüentemente, com a concepção tradicional da linguagem enquanto representação, rumo a um novo pensamento sobre a linguagem, para além do pressuposto comunicativo que domina a filosofia da linguagem contemporânea.

Em *Gramatologia*, publicada em 1967, Derrida apresenta, pela primeira vez, a crítica ao que denomina “metafísica da presença”, ou seja, uma filosofia refém daquilo que ele chama de significado transcendental e que, de formas variadas, confina a linguagem em geral e a escrita, em particular, a uma função segunda e instrumental. Nesse ambiente, a linguagem é tratada como mero suplemento do sentido original, como simples porta-voz do “querer-dizer”, enfim,

⁹ A palavra *écriture* foi vertida para o português, por alguns tradutores, como escrita. De minha parte, utilizarei a palavra escritura para me referir à noção derridiana de *écriture*. Reservarei o uso da palavra *escrita* para fazer referência à linguagem escrita, ou seja, ao texto escrito, tal como tradicionalmente compreendido.

¹⁰ A *différance* já foi traduzida de diversos modos (diferência, diferanço), mas usarei aqui o termo original *différance* para guardar a ambiguidade pretendida por Derrida e os diversos motivos que ela evoca. Ao escrever propositalmente a palavra *différance* com um “a” no lugar do “e”, Derrida quer chamar atenção para algumas peculiaridades da linguagem como um todo, tanto a escrita quanto a falada. O fato de não se escutar (em francês) a troca da letra “a” pela “e”, visto que a pronúncia não se altera, assinala uma falta à ortografia, um desrespeito à lei que rege a língua, mas que, no entanto, pode passar em silêncio. Essa diferença inaudível quer apontar para o fato de que a diferença passa pelo texto escrito, mas não se “entende” (não se escuta e não se compreende) nem pode ser traduzida numa presença escrita. O “a” da *différance* remete-nos ao texto escrito e à diferença gráfica, mas o atravessa para situar-se entre a fala e a escrita. Desenvolvo a noção de *différance* na Parte 2 desta tese. A escolha do verbo *différer* também segue a mesma direção ao combinar os dois sentidos do verbo latino *differre*. A *différance* remete, assim, além da noção corrente de não-idêntico (que já é problemática), tanto para a noção de *deferir*, ou seja, aceitar o pedido, responder à solicitação, como também de *diferir*, adiar, divergir, não trazer à presença. Este segundo sentido temporal (perdido na tradução por diferença) remete-nos a um “plus tard”, um intervalo, uma distância ou espaçamento que se produz em qualquer repetição ou reprodução. Assim, apesar da legitimidade das diversas traduções brasileiras, que mantêm o artificialismo do neologismo criado por Derrida, opto por usar o termo original e enxertá-lo na língua portuguesa, realçando a sua citacionalidade estrutural e o fato de que um termo jamais será idêntico a outro, por mais que tenha sido apenas repetido ou reproduzido fielmente. Derrida desenvolve a questão do “a” da *différance* especialmente no texto “A diferença” in Derrida, *Margens da Filosofia*, trad. Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Ed. Papyrus, Campinas, SP, 1991.

como um instrumento a serviço da “fala plena e plenamente *presente* (presente a si, a seu significado, ao outro)”¹¹.

Ao decretar o “fim do livro e o começo da escritura”, Derrida anuncia a morte dessa linguagem centrada na fala e que se pretende plenamente presente, fiel portadora do sentido original, autêntica porque mais próxima do “verdadeiro querer-dizer”. Esse preconceito fundamental que afeta toda uma época precisa ser denunciado, ou seja, é preciso desconstruir o logo-fono-centrismo da metafísica ocidental rumo a uma nova forma de compreender a linguagem, portanto, um novo pensamento sobre a linguagem que assuma a ausência do significado transcendental, a ausência de um significado central, originário, que tem por finalidade o fechamento, a totalização ou o fim do jogo da linguagem. O que a desconstrução não se cansa de revelar – e de apontar as conseqüências de tal revelação – é que não existe significado fora do sistema de diferenças que constitui a linguagem¹².

Para Derrida, a história da metafísica e do ocidente é a história da substituição de centros, de fundamentos, de significados últimos que amenizem a indeterminação do sentido. A forma matricial dessa história é a determinação do *ser como presença*, em todos os sentidos dessa palavra. Assim, todos os nomes do fundamento, do princípio ou do fim, sempre designaram o invariante de uma *presença* – *eidos*, *arquê*, *ousia*, *energeia*, *aletheia*, transcendentalidade, consciência, Deus, homem – de algum sentido que organize o jogo da linguagem.

No interior dessa tradição de pensamento, a linguagem ocupa um papel secundário, de mera representação do sentido original, da coisa em si, da realidade “nua”, da existência, da imanência, não importa o nome que se dê ao que Derrida chama de *presença*. No entanto, essa linguagem, onde o privilégio do sentido encontra-se na fala viva e onde a escrita é entendida como “fala decaída”, representação da representação, essa linguagem tal como compreendida no ocidente, é apenas um momento dentro de um movimento muito maior, o da *escritura*.

¹¹“Todas as determinações metafísicas da verdade são inseparáveis da instância do *logos* ou de uma razão pensada na descendência do *logos*, em qualquer sentido que seja entendida: no sentido pré-socrático ou no sentido filosófico, no sentido do entendimento infinito de Deus ou no sentido antropológico, no sentido pré-hegeliano ou pós-hegeliano”. Derrida, *Gramatologia*, op. cit. pág. 9-13.

¹²“A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas” (1967) pág. 231, in *A Escritura e a Diferença*. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1995.

1.2

Desconstrução e Metafísica

Apesar de apresentar uma forte crítica à metafísica, a desconstrução reconhece que nada mais é pensável sem os conceitos herdados dessa tradição e propõe, paradoxalmente, abalar a metafísica da presença com a ajuda do conceito de signo¹³. Isto não significa destruir a metafísica ou sair fora de seu jogo. Se a desconstrução tem um “estilo” de pensamento, uma forma de questionamento, então ela é dupla, visto que não quer apenas inverter oposições, mas realizar um gesto duplo, uma escrita dupla que provoque uma reviravolta e um deslocamento geral do sistema. Diz Derrida:

“cada conceito pertence a uma cadeia sistemática e constitui ele próprio um sistema de predicados. Não existe conceito metafísico em si. Existe um trabalho – metafísico ou não – sobre sistemas conceituais. A desconstrução não consiste em passar de um conceito a outro, mas em modificar e deslocar uma ordem conceitual assim como a ordem não-conceitual à qual se articula”¹⁴.

Para a desconstrução, não faz nenhum sentido abandonar os conceitos da metafísica para abalar a metafísica. Como coloca Derrida:

“não dispomos de nenhuma linguagem – de nenhuma sintaxe e de nenhum léxico – que seja estranho a essa história; não podemos enunciar nenhuma proposição destruidora que não se veja já obrigada a escorregar para a forma, para a lógica e para as postulações implícitas daquilo mesmo que gostaria de contestar”¹⁵.

É por isso que Derrida mantém conceitos clássicos como escrita, perdão, responsabilidade, no intuito de mostrar exatamente os predicados outros que tais conceitos comportam, mas que foram subordinados, excluídos ou mantidos em reserva.

A desconstrução é, antes de tudo, uma crítica da linguagem pela linguagem que tem consciência da impossibilidade de criticar a metafísica utilizando-se de seus conceitos. Como escreve Derrida: “a linguagem carrega em

¹³ Derrida, “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”, op. cit. pág. 233.

¹⁴ Derrida, “Assinatura Evento Contexto” in *Margens da Filosofia*, pág. 372.

¹⁵ Derrida, “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”, op. cit., pág. 233.

si a necessidade de sua própria crítica”¹⁶ e isso faz com que o pensamento filosófico digno do nome tente, incessantemente, “esboçar um passo para fora da Filosofia” ao questionar e desconstruir os conceitos herdados da metafísica, mesmo sabendo ser esta uma tarefa impossível. Afinal, como denunciar um discurso como metafísico sem acolher os conceitos e premissas dessa mesma metafísica? Segundo Derrida, “é com os conceitos herdados da metafísica que Nietzsche, Freud e Heidegger operaram as suas críticas à metafísica (...) é o que então permite a esses destruidores destruírem-se reciprocamente, por exemplo a Heidegger considerar Nietzsche o último metafísico, o último platônico”¹⁷. E Derrida não pretende ser o primeiro ou o único a “escapar” da metafísica. Mas a desconstrução não se cansa de denunciar seu jogo, de desenhar suas fronteiras e forçar seus limites.

Entretanto, apesar de Derrida reconhecer que também se encontra preso na clausura da tradição filosófica ocidental, é preciso levantar a questão: qual o espaço da desconstrução? De “onde” ela pretende criticar a metafísica? E, na sequência, questionar a própria questão: como “acomodar” um pensamento inquieto e transgressor? E afinal, um pensamento “se acomoda”, mantém-se (*demeure*) dentro de espaços delimitados?

Em *Force de Loi*, Derrida fala do lugar da desconstrução como de uma “instabilidade privilegiada”, como o lugar da tensão, do paradoxo, da aporia, enfim, como o local do pensamento da incondicionalidade. Operando na tensão, o “estilo” da desconstrução aparece como um exercício duplo¹⁸. Por um lado, ganha ares de uma demonstração lógica e a-histórica ao apresentar os paradoxos da linguagem filosófica, ao tentar realizar uma prudente universalização de certas estruturas da linguagem, rumo a um pensamento do impossível. Por outro lado, Derrida realiza leituras inventivas e rigorosas de textos clássicos da filosofia, participando, ao mesmo tempo em que ajuda a desconstruir, da história das idéias, tal como concebida no ocidente.

Nesse sentido, podemos arriscar dizer que a desconstrução é uma postura diante da leitura de textos. Uma postura cuidadosa, atenciosa, amorosa, mas desconfiada. A desconstrução acontece dentro da linguagem, no espaço fugidivo

¹⁶ Derrida, “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”, *idem*, pág. 237.

¹⁷ Derrida, “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”, *idem*, pág. 234.

¹⁸ Derrida, *Force de Loi*, *op. cit.* pág. 48.

entre a fala e a escrita, no instante fugaz em que o argumento filosófico deixa revelar sua infra-estrutura, seu jogo de oposições e dicotomias, sua hierarquia violenta¹⁹. Essa atitude vigilante quer flagrar o *logos* fazendo metafísica, ou seja, criando as oposições, constituindo a lei, prometendo trazer o sentido à presença (e sempre falhando em sua promessa). Desse modo, a desconstrução pode ser entendida como uma aproximação aos textos tradicionais da metafísica que busca revelar, inverter e deslocar suas hierarquias, sem contudo cair na totalização ou negação do conceito em si. Daí a importância da fase do deslocamento. Como coloca Paulo Cesar Duque-Estrada:

“No texto *Posições*, Derrida fala de uma *estratégia geral da desconstrução* que, por um lado, aponta para a hierarquia intrínseca de toda e qualquer dicotomia conceitual e, conseqüentemente, para o que há de *impositivo* e *conflitivo* na universalidade dos conceitos. (...) É nesse sentido que se coloca a necessidade de uma fase de inversão no interior do trabalho desconstrucionista. Mas, por outro lado, este momento de *inversão* é estruturalmente inseparável de um momento de *deslocamento* com relação ao sistema a que antes pertenciam os termos de uma dada oposição conceitual. (...) Re-situados em um outro registro, segundo outros critérios, não se pode pensar que, ainda assim, se trate dos *mesmos* conceitos”²⁰.

Com efeito, a desconstrução é um jogo duplo de inversão e deslocamento. O trabalho, sempre marginal, entre a existência e a não existência do conceito procura suspender as oposições e mostrar aquilo que o texto reprimiu, aquilo que ficou subentendido, mas que faz parte da genealogia estrutural de seus conceitos. Assim, a desconstrução nos conduz a uma leitura dos textos metafísicos como sintomas “de alguma coisa que não pôde se apresentar na história da metafísica”, sintoma necessariamente e estruturalmente dissimulado e que, se hoje é descoberto, não o é por um achado feliz do qual alguém pudesse ter a iniciativa. Como escreve Derrida: “Ele é efeito de uma certa transformação total que não se pode, nem mesmo, chamar mais de ‘histórica’ ou ‘mundial’, uma vez que ela incide inclusive sobre a segurança dessas significações”²¹.

Sempre visando balançar o sistema logocêntrico sobre o qual se funda a história da cultura ocidental, pode-se identificar, esquematicamente, três estilos ou motivos segundo os quais a desconstrução opera: 1) um processo etimológico pelo

¹⁹ Derrida, *Posições*. Ed. Autêntica, Belo Horizonte, 2001.

²⁰ Duque-Estrada, Paulo Cesar. “Derrida e a escritura”. In Duque-Estrada (org.). *Às Margens – a propósito de Derrida*. Puc-Rio/Loyola, Rio de Janeiro, 2002.

²¹ Derrida, *Posições*, op. cit. pág. 13.

qual se remonta a história da palavra e de sua polissemia, por exemplo, a palavra “mimesis” que Derrida investiga em *Signéponge*²²; 2) um desnudamento da metáfora (“*mise à nu de la métaphore*”) que comanda o jogo de linguagem, permitindo uma leitura literal do texto. Por exemplo, em *Farmácia de Platão*, Derrida leva ao pé da letra a expressão “*envoyer promener les mythes*”, usada no discurso socrático, para ressaltar o lugar problemático da mitologia na escrita de Platão; 3) uma tentativa de revelar o jogo de linguagem e seus paradoxos. Por exemplo, em *Donner le temps* Derrida analisa e brinca com as palavras de uma carta escrita por Madame de Maintenon (amante influente de Luis XIV) à Madame Brinon, onde a primeira diz: “*Le roi prend tout mon temps; je donne le reste à Saint-Cyr, à qui je voudrais le tout donner*”. E Derrida pergunta: mas um tempo *se dá* ou um tempo *se toma*?

Na posse de tais ‘estratégias’, a desconstrução quer denunciar a diferencialidade estrutural a todo signo, uma diferença original e mais “velha” que interdita a apropriação do sentido originário, próprio, e que exige um “pensamento sem álbi”. Assim, ao trabalhar com os conceitos tradicionais da metafísica, Derrida aceita a contaminação estrutural da língua e diz *sim* à disseminação e à deriva essencial da *différance*. É por isso que a desconstrução gosta de operar com expressões “velhas” e prenas de ambigüidade, como escritura, perdão e justiça. Manter o antigo nome significa aceitar a estrutura do enxerto que constitui a linguagem. Dessa forma, a desconstrução submete-se á lei da linguagem: que haja língua! Que haja lei! Que haja promessa e espera! Mas sempre lembrando que não há horizonte de espera, não há nenhum telos, pois a linguagem é alteridade radical, é promessa de sentido e, simultaneamente, ameaça de erro, de desvio e fracasso.

Entretanto, reconhecer a inevitável disseminação do sentido, reconhecer a alteridade da própria língua e a impossibilidade de sua apropriação, não significa igualar todos os discursos ou cair no relativismo. Com efeito, escreve Derrida:

“a qualidade e a fecundidade de um discurso medem-se talvez pelo rigor crítico com que é pensada essa relação com a história da metafísica e aos conceitos herdados. Trata-se aí de uma relação crítica à linguagem das ciências humanas e de uma responsabilidade crítica do discurso. Trata-se de colocar expressa e

²² “*Mimeux*: se dit des plantes qui, lorsqu’on les touches, se contractent. Les plantes mimeuses. Étym. De *mimus*, parce qu’en se contractent ces plantes semblent représenter les grimaces d’un mime. Le mimosa. » Derrida, *Signéponge*, Paris, Seuil, 1988, coll. « Fiction et Cie », p. 12.

sistematicamente o problema do estatuto de um discurso que vai buscar numa herança os recursos necessários para a desconstrução dessa mesma herança”²³.

Sem nunca abandonar seu impulso inicial, os textos derridianos refletem essa inquietação *com* e *na* linguagem, independentemente da trama conceitual a ser desconstruída. Desse modo, desde a *Gramatologia* até os últimos escritos, o problema da linguagem ocupa um lugar privilegiado na *démarche* derridiana. A princípio, as desconstruções dirigem-se para noções e distinções estruturais da lingüística – como signo, sentido, significado/significante, fala/escrita – e a cadeia de conceitos que tais noções evocam. No entanto, a partir do encontro com a teoria dos atos de fala legada por Austin, a desconstrução incorpora, de uma vez por todas, o vocabulário da pragmática, sobretudo a noção de “força performativa”.

Sendo assim, esta tese pretende atravessar a escritura derridiana e dialogar com outros espectros, outras vozes que, de formas variadas, também tentaram encarar a linguagem de modo não metafísico ao assumir a desconcertante descoberta da filosofia “pós” (pós-fregeana, pós-wittgensteiniana, pós-estruturalista): aceder à linguagem é aceder à totalidade de referências que constituem nosso “mundo”. Em outros termos, o “mundo” que fornece “sentido à nossa existência” é, desde sempre, linguisticamente estruturado. Ou ainda, como coloca Derrida, a própria idéia de “mundo” é uma criação da linguagem metafísica “a partir da diferença entre o mundano e o não mundano, o fora e o dentro, a idealidade e a não-idealidade, o universal e o não-universal, o transcendental e o empírico, etc”²⁴.

Contudo, não pretendo “defender” a desconstrução dos ataques e das más interpretações, até porque a desconstrução não é algo que possa ser apropriado e defendido²⁵. Prometo apenas fazer algumas articulações e apontar possíveis convergências entre a desconstrução e a pragmática. Também não pretendo apresentar uma genealogia da virada lingüístico-pragmática que faça justiça à complexidade e à riqueza do pensamento contemporâneo. Toda essa tradição, ou seja, muitos dos autores que buscam uma nova concepção de linguagem falarão neste texto, alguns de modo direto, outros influenciados pela leitura de Derrida.

²³ Derrida, *Limited Inc*, op. cit. pág.235.

²⁴ Derrida, *Gramatologia*, op. cit. pág. 9

²⁵ Exceto na seção “Respostas a Searle”, onde Derrida responde às críticas e más interpretações do ‘herdeiro’ da Escola de Oxford.

Desse modo, este empreendimento – mesmo sem pretender exaurir o contexto em que se insere o pensamento de Derrida – justifica-se na medida em que atravessa questões e autores que participam da “virada lingüística” e que ajudam a compreender a radicalidade do pensamento desconstrutor.

Tal ecletismo, talvez exagerado, deve-se ao pensamento disseminante do principal inspirador deste trabalho. Ao ler os textos de Derrida, os espectros nos assombram e somos forçados a desbravar outros caminhos. A desconstrução implica um novo estilo de pensamento e pressupõe outros modos de leituras, o que torna impossível escrever algo sobre Derrida, *ele mesmo*. Seguindo Derrida, pode-se afirmar que a desconstrução, no singular, não é “intrinsecamente” nada, nada que seja determinável a partir dos critérios estabelecidos pela tradição metafísica e suas oposições conceituais restritivas, como a lógica da “essência” (por oposição ao acidente), do “próprio” (por oposição ao impróprio) e inclusive do “intrínseco” por oposição ao extrínseco. A desconstrução coloca em questão o código mesmo que regula tais oposições²⁶.

De fato, não existe um Derrida e uma desconstrução²⁷. Existem “disseminações”, debates, respostas, defesas, promessas e ameaças. Textos mais ou menos violentos, mais ou menos metafísicos e que hoje nos convocam à leitura. No entanto, não custa lembrar que textos filosóficos são, como todos os textos, escritos datados, debates circunscritos à determinada época, e muitos deles já não despertam grandes paixões. E este texto, enquanto mais uma escrita filosófica que pretende ingressar nessa corrente da *écriture*, que pretende realizar *um* gesto desconstrutor, promete mostrar algumas convergências entre a linguagem da desconstrução e a dimensão performativa da linguagem e, através da análise da herança da desconstrução, tentar compreender melhor o pensamento errante de Derrida.

²⁶ Derrida, *Limited Inc.*, op. cit. pág. 193.

²⁷ A respeito de tal “indeterminação”, Derrida e a desconstrução já foram acusados de “obscurantismo terrorista” no *New York Review of Books* de 27/10/1983 supostamente por Michel Foucault. Apesar da incerteza sobre a autenticidade da citação (será que Foucault realmente falou isso), ela tornou-se incontrolável como toda citação e serviu de argumento para uma carta escrita ao governo francês por Mrs Ruth Barcan Marcus (Universidade de Yale) condenando a nomeação de Derrida para o posto de diretor do Collège International de Philosophie. Ver, a respeito das práticas acadêmicas repressivas e de “baixa política” – uma “Interpol” universitária, como chama Derrida – em *Limited Inc.*, op. cit. pág. 191.

No entanto, atento para a característica “expropriante” de toda tentativa de apropriação²⁸, esta escrita quer também apontar as diferenças entre a tradição pragmática e a desconstrução, na tentativa de revelar a singularidade do pensamento derridiano.

Minha proposta de leitura quer dar ênfase ao fato de que, ao denunciar o logo-fono-centrismo que domina a metafísica ocidental, Derrida oferece uma contribuição original para pensar a linguagem de modo diverso da tradição filosófica ocidental, de Platão a Descartes. E esse pensar diferente passa necessariamente por uma “linguagem que questiona continuamente a linguagem”, como define Barthes²⁹, ou seja, por uma nova forma de compreender a linguagem em sua relação constitutiva com o “mundo” e a “realidade”. Para além da visada analítica que privilegia o estudo de sentenças ou atos de fala, para além da linguagem enquanto expressão ou comunicação, para além dos pressupostos comunicacionais que poderiam garantir a determinação do sentido, a desconstrução propõe um pensamento sobre a linguagem em associação com a alteridade e, conseqüentemente, com a ética e a política.

Com efeito, a desconstrução não pode ser classificada como uma filosofia da linguagem porque não realiza simplesmente um estudo ou análise sobre o fenômeno da linguagem, por mais complexo que este possa ser entendido. A desconstrução propõe uma ‘disseminação do performativo’ que implode o conceito de linguagem, tal como entendido pela tradição. Ao absorver as filosofias contemporâneas sobre a linguagem – aqui representadas por Humboldt, Saussure, Peirce, Heidegger e Wittgenstein – ou seja, enquanto herdeiro de toda a tradição filosófica que se propôs pensar a linguagem fora do modelo representacional, Derrida coloca em prática a descoberta que transformou a filosofia contemporânea, qual seja: não existe a linguagem como uma entidade, objeto ou fenômeno que possa ser delimitado e analisado enquanto tal. A *écriture* derridiana performatiza a impossibilidade de uma análise exaustiva da linguagem, visto que ela é apenas um jogo de rastros, de performances e de ações jamais completamente apreensíveis, jamais saturadas e que apenas por conveniência analítica podemos chamar de ‘atos de fala’.

²⁸ Segundo Derrida, “a desconstrução no singular não pode ser simplesmente “apropriada” por quem quer que seja ou por o que quer que seja. As desconstruções são movimentos de “ex-apropriação” in *Limited Inc.* op. cit. pág. 194.

²⁹ Barthes, *Elementos de Semiologia*, op. cit. pág 8.

Ao implicar a indeterminação do sentido e a estrutura diferida de toda língua, Derrida aponta para o caráter disseminante da linguagem em geral, para sua ambigüidade constitutiva, para a estrutura de promessa e ameaça que torna toda língua uma fonte de violência e opressão, mas também de abertura e espera. Nesse sentido, a forma com que Derrida trabalha a questão da linguagem faz com que a desconstrução seja um pensamento eminentemente político, mesmo quando está tratando de temas conceituais, como a fenomenologia husserliana e a lingüística de Saussure. Com efeito, se a desconstrução é uma hiper politização da política é exatamente porque a questão da linguagem atravessa a obra de Derrida de ponta a ponta. Mas raramente encontramos o termo ‘linguagem’ nos textos de Derrida, visto que a *écriture* ultrapassa a linguagem ao nos remeter à performatividade geral que não se reduz ao elemento lingüístico. É nesse sentido que a desconstrução não pode ser entendida como uma corrente da filosofia pragmática da linguagem, mas participa do espaço aberto pela virada lingüístico-pragmática.

Na tentativa de trabalhar tais questões que, na obra derridiana, encontram-se todas emaranhadas, proponho a seguinte divisão para este trabalho:

A parte 1 dedica-se à questão da linguagem através da análise de filósofos que, de modo pioneiro, romperam com a ‘filosofia da consciência’, ou seja, com a noção dominante durante mais de 2 mil anos de Filosofia, de que a linguagem é um mero suplemento das idéias. Em outras palavras, como as investigações sobre a linguagem foram lentamente superando o preconceito, mais que arraigado na história da Filosofia, de que a mente (pensamento ou idéia que ocorrem no interior do sujeito) precisa da linguagem (como de um instrumento) para poder expressar (exteriorizar) o seu conteúdo. Nesse sentido, os trabalhos de Humboldt, Frege, Husserl, Heidegger, Wittgenstein, Austin, dentre outros, serão apresentados como pioneiros na superação dessa concepção instrumentalista ou representacional da linguagem. Aproveito para já inserir Derrida como herdeiro dessa ‘virada’ rumo à linguagem, marcando especialmente a influência de Heidegger e Husserl. É esse novo espaço de pensamento que denomino de ‘virada lingüístico-pragmática’ ou simplesmente ‘virada lingüística’.

A parte 2 será dedicada inteiramente à desconstrução e ao modo singular com que Derrida trabalha a questão da linguagem em diálogo com a herança metafísica e, sobretudo, com os filósofos que romperam com a matriz platônica.

Nesse sentido, darei enfoque aos textos em que Derrida discute com a lingüística moderna rumo à noção de *écriture*.

Já a parte 3 pretende relacionar esta singular pertença da desconstrução à tradição metafísica e os efeitos políticos dessa relação. Em outros termos, desenvolvo a hipótese central que anima esta tese, ou seja, de que a visada desconstrucionista sobre a linguagem torna a desconstrução um pensamento intrinsecamente político.

“Falar mete-me medo porque,
nunca dizendo o suficiente,
sempre digo também demasiado”

(Derrida, *A Escritura e a
diferença*)